

## UMA LEITURA DE *IRACEMA*, DE JOSÉ DE ALENCAR

### Linhares Filho

Iracema é essa obra secular, composta pelo mais descritivo romancista brasileiro, José Martiniano de Alencar, baseado numa lenda encantadora, que, por sua vez, se fundamenta em dados históricos.

Figuram como personagens principais desse livro que engredence as letras cearenses e patricias, a índia Iracema, que guardava o segredo da jurema; o português Martim, o guerreiro branco; Araquém, o pajé da “grande nação tabajara”; Moacir, a criança mestiça, considerada o primeiro cearense, o qual nasce do amor do guerreiro branco com a filha do pajé; e o índio Poti, sincero amigo de Martim.

Assim se desenrola, resumidamente, a ficção alencarina: Conquistador da virgem terra, perde-se Martim, entretanto é recebido na cabana de Araquém, onde a bela indígena lhe acende “o fogo da hospitalidade”.<sup>10</sup> O amor que aproxima o português de Iracema é tão ardente em ambos quanto penoso. A trama romanesca finda com epílogo doloroso e comovente, quando falece aquela cujo “sorriso era mais doce que o favo da jati” e mais propriamente quando Martim emigra com o filho e torna “às terras que foram de sua felicidade e são agora de amarga saudade”.<sup>11</sup>

A afetividade ao solo natal traduzida, praticamente, pela exploração de motivos e temas nacionalistas, ocasionou o fato de Alencar haver tornado heróis de sua obra variados elementos étnico-sociais brasileiros. Apegando-se, antes de tudo, ao *Leitmotiv* do nacionalismo, desvencilha-se o romancista de qualquer afirmação filosófica ou científica e de toda convenção ou preconceito, que o impeçam de sublimar as entidades naturais do seu País: o homem e o meio físico.

Assim é que as taras do nativo são esquecidas pelo demiurgo de Peri, Iracema e Ubirajara como também as derivadas do caldeamento entre os diferentes tipos étnicos, que no Brasil formaram a mestiçagem. Inferre-se, portanto, que Alencar estaria longe de esposar as te-

<sup>10</sup> ALENCAR, J. de. *Iracema*. p. 61

<sup>11</sup> *Ibidem*. p. 187

orias racistas de Ammon, Lapouge, Gobineau, Chamberlain, Galton, Pearson, determinadoras, segundo a pureza ou mistura da raça, do desenvolvimento ou decadência das nações.

Quanto à teoria do espaço apresentada por Ratzel, o criador da Antropogeografia, conforme a qual, em resumo, são progressistas as populações dos Estados de largo território e atrasadas as daqueles de território exíguo, há de ter ela recebido o louvor do nosso romancista, dele que cantou, por vezes, a extensão territorial da Pátria: “Esta imensa campina que se dilata por horizontes infindos, é o sertão de minha terra natal.”<sup>12</sup> “A civilização que penetra pelo interior corta os campos de estradas, e semeia pelo vastíssimo deserto as casas e mais tarde as povoações.”<sup>13</sup>

Justa é a atribuição que se faz a Alencar das qualidades de preconizador e paladino não de uma língua, mas de uma linguagem tipicamente nacional, que expressasse com fidelidade e precisão os sentimentos do povo brasileiro, influenciados por circunstâncias climáticas, territoriais e sobretudo raciais. O romancista de **Ubirajara** recomendou e praticou um linguajar que, como no versejo de Bilac, possuísse, realmente, “o viço agreste e o aroma de virgens selvas e de oceano largo”,<sup>14</sup> ou que fosse como a nossa música, classificada pelo mesmo poeta “Lasciva dor, beijo de três saudades,/Flor amorosa de três raças tristes”,<sup>15</sup> um falar que, em suma, se comparasse ao “filho indômito desta pátria da liberdade”,<sup>16</sup> para usar palavras do próprio Alencar, quando descreve o rio Paquequer no primeiro capítulo d’**O Guarani**.

O aspecto sintático e estilístico do criador de Peri e Ceci, feito de insurreição aos moldes clássicos e de adesão às tendências nativas, bem demonstra a combatividade de Alencar por uma linguagem brasileira, compadecendo-se essa atitude com a da própria escola literária de que foi, no Brasil, entre os prosadores, expoente máximo.

Em cultivar como panteísta autêntico a natureza pátria, em glorificar a sua fauna e sua flora, em exaltar o nosso aborígine, o produto mais perfeito da rudeza da terra, José de Alencar não fugia à orientação do corifeu dos românticos franceses, que escrevera no prefácio de

12 ALENCAR, J. de. *O Sertanejo*. p. 7

13 Ibidem. p. 7

14 BILAC, O. *Poesias*. p. 268

15 Ibidem. p. 269

16 ALENCAR, J. de. *O Guarani*. p. 8

**Cromwel:** “Não há regras senão a Natureza”.

Professando Alencar o credo da escola romântica, sua caracterização estilística não foge ao espírito do Romantismo. Como os escritos da escola de Chateaubriand e Victor Hugo se impregnam de fantasia intensa, o autor das **Minas de Prata** dá-se ao gosto da adjetivação pró-diga, conforme podemos notar nestas passagens do livro centenário: “Deus te leve a salvo, brioso e altivo barco, por entre as vagas revôltas, e te poje nalguma enseada amiga!”<sup>17</sup> “Lá o espera a virgem loura dos castos afetos; aqui lhe sorri a virgem morena dos ardentes amôres.”<sup>18</sup> “Onde vai a afouta jangada, que deixa rápida a costa cearense, aberta ao fresco terral a grande vela?”<sup>19</sup>

Outra faceta do estilo alencariano digna de nota é o gosto pronunciado da comparação, e ainda neste ponto o escritor se coaduna com os princípios da escola a que se filia, pois, quando compara, fá-lo realçando as peculiaridades e virtudes da natureza pátria. Exemplifiquemos em **Iracema** a asserção alusiva a essa outra singularidade palpitante do escritor: “O favo da jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado.”<sup>20</sup> “Trapuã é manhoso e traçoeiro como a acauã.”<sup>21</sup> Martim seguiu silencioso a virgem, que fugia entre as árvores, como a selvagem cutia”.<sup>22</sup> “Tua voz queima, filha de Araquém, como o sopro que vem dos sertões do Icó, no tempo dos grandes calores.”<sup>23</sup>

Firme no propósito de interpretar ao vivo os costumes indígenas, Alencar transporta para a linguagem, que usa e sugere, diversos fraseados do aborígene brasileiro, no rol dos quais avulta o modo rústico e, ao mesmo passo, gracioso do nosso selvagem contar o tempo, modo que, paradoxalmente, empregaram, às vezes, os clássicos. O aproveitamento pelo romancista, dessa maneira de determinar-se o tempo muito se adapta ao estado de quem vive em contacto direto com a natureza: “A lua cresceu. Três sóis havia que Martim e Iracema estavam nas terras dos pitiguaras, senhores das margens do Camucim e

---

17 ALENCAR, J. de. *Iracema*. p. 55

18 *Ibidem*. p. 112

19 *Ibidem*. p. 53

20 *Ibidem*. p. 56

21 *Ibidem*. p. 111

22 *Ibidem*. p. 121

23 *Ibidem*. p. 169

Acaracu.”<sup>24</sup> “Oito luas havia que ele deixara as praias de Jacarecanga.”<sup>25</sup> “O cajueiro floresceu, quatro vezes depois que Martim partiu das praias do Ceará, levando no frágil barco o filho e o cão fiel.”<sup>26</sup>

Deve-se considerar, particularmente, no livro **Iracema**, ao avaliar-se o poder descritivo do seu imaginoso escritor, o encanto físico e moral da mãe de Moacir e esposa de Martim. O impacto que a lógica sente ante tão graciosas finezas numa selvagem, ameniza-se, não só quando o nosso espírito, enfasiado, tem precisão de uma supra-realidade bem acima do real, mas ainda pelos atrativos surpreendentes da fraseologia do musical autor que, na opinião de Braga Montenegro, escreveu “uma composição ambígua de romanesco e inspiração poética.”<sup>27</sup> E os que persistem na intolerância completa aos frutos da pena de Alencar, sob a principal invectiva de que ele vaza a sua obra com flagrante e nímia irrealidade, esquecem que a verossimilhança que o romancista apresenta quanto ao físico e comportamento de seus personagens e quanto aos ambientes está de acordo, como deve mesmo estar, é com o esquema nacionalista, que particularmente estabeleceu para elevar o nosso nativo, as coisas brasileiras e provar a tese rousseauiana, falsa ou verdadeira, isso pouco importa, do “bom selvagem”.

Não se podem negar apreciáveis virtudes literárias ao ficcionista de **Diva e Senhora, Lucíola e A Viuvinha**. Além das já mencionadas qualidades, não se há de discordar possua ele grande talento de cinzelador não de caracteres morais, mas de aspectos físicos de pessoas.

Observe-se, por exemplo, a matéria consistente com que esculpe e as tintas adequadas com que pinta as feições de Martim, o conquistador que atravessou o oceano: “Tem nas faces o branco das areias que bordam o mar, nos olhos o azul triste das águas profundas”.<sup>28</sup> “Ou contemplem-se o comportamento e a fisionomia de que o artista dotou aquele feiticeiro amadurecido e experimentado no seu ofício: “O ancião fumava à porta, sentado na esteira de carnaúbas, meditando os sagrados ritos de Tupã. O ténue sopro da brisa carneava como frocos de algodão os compridos e raros cabelos brancos. De imóvel que estava, sumia a vida nos olhos cavos e nas rugas profundas.”<sup>29</sup>

24 Ibidem. p. 132

25 Ibidem. p. 183

26 Ibidem. p. 187

27 MONTENEGRO, Braga. *Iracema*: um século. In: ALENCAR, J. de. *Iracema*. p. 43

28 ALENCAR, J. de. *Iracema*. p. 58

29 Ibidem. p. 60

Outrossim na valorização do escritor d'**O Tronco do Ipê**, deve-se atentar para a importante mensagem cívico-emocional, simbolizada principalmente pelas figuras de Iracema, Martim, Moacir, emitida do cérebro e do coração patriotas de Alencar. Iracema representa a humanização da terra. É o Ceará, o Brasil em carne e osso. É a alma telúrica cearense e nacional. E essa alma cisma, agride, quebra a flecha da paz, hospeda, ama, chora, ri, esposa a civilização, dá à luz um filho de sua dor.

A decantada “virgem dos lábios de mel” expressa, pois, juntamente com Peri e Ubirajara, a crença jusnaturalista dos partidários do indianismo, que, baseados em Rousseau, contra a teoria de Hobbes, segundo a qual “o homem, no estado primitivo, constitui-se em lobo do homem”, opinam que “o homem é naturalmente bom e a sociedade é que o deturpa.” As idéias do filósofo francês expressas em **Le Contrat Social** e na fábula jesuítica **Le Bon Sauvage**, perfilha-as José de Alencar, para, num hino épico e lírico à terra do seu berço, almejar que os homens, que a compuserem, sejam grandes e puros como pura e grande é essa mesma terra na sua configuração física e nos seus frutos primevos, entre estes se contando os silvícolas.

Nos altos desígnios de nacionalista e indianista, Alencar, quando não exalta o meio físico brasileiro, faz com que o seu produto humano, isto é, o índio, não raro aos influxos da união mestiça, o subjugue e vença, como acontece no epílogo d'**O Guarani**, quando o selvagem robusto e destemido suplanta os malefícios da tempestade sob “castos rubores e lânguidos sorrisos” de Ceci.

Ante a figura de Iracema, símbolo humano da terra, sente-se assomarem à mente as palavras com que Bilac exortaria o desbravador do Brasil:

*Beija-a! é a mais bela flor da Natureza inteira!  
E farta-te de amor nessa carne cheirosa,  
Ó desvirginador da Terra Brasileira!<sup>30</sup>*

Representando a vestal das selvas o solo pátrio cheio de amarguras e encanto, Martim encarna, logicamente, a civilização européia e

---

30 BILAC, Olavo. *Poesias*, p. 229

cristã, que bem se acolhe, nestas plagas, por uma hospitalidade confirmada através das palavras que o romancista de Messejana põe respectivamente nas bocas da “morena virgem” e do pajé, seu pai: “Bem-vindo seja o estrangeiro aos campos dos tabajaras, senhores das aldeias, e à cabana de Araquém, pai de Iracema.”<sup>31</sup> “Veio bem, é Tupã que traz o hóspede à cabana de Araquém.”<sup>32</sup>

Alegoria não menos marcante descobre-se no personagem Moacir, resultado da vinculação mestiça entre o branco e o índio. Filho do sofrimento como o seu próprio nome atesta, abre caminho aos contratempos e angústias a que se vê arrastado o povo desta Terra de mártires, o Ceará. Herdeiro de traumas psíquicos e predisposto à melancolia, é como “o primeiro cearense emigra da terra da pátria”. Nele se estampa, realmente, “a predestinação de uma raça”, de cujos componentes grande parte encontra no êxodo uma triste solução ao que impingem a essa raça as intempéries.

Após essa análise perfunctória do romance **Iracema**, impõe-se uma conclusão e uma pergunta: Que força extraordinária e atrativa possui esse livro, que, decorrido um tempo superior a um século de sua publicação, havendo ele assistido a diversas transformações literárias e sociais, ainda consegue que, em nossa época, se lhe admire o encanto selvático e aspire com anseio o odor agreste? Há de ser, precisamente, a mensagem patriótico-sentimental que emite, afinando-se com o temperamento sensível do povo brasileiro, a causa primordial da relativa atualidade de que desfruta a obra-prima de José de Alencar? Talvez.

Braga Montenegro, a nosso ver, apresenta o mais abalizado pronunciamento acerca das justas dimensões do romance em estima, considerando-o integrado com relevo no complexo de nossas tradições culturais: “é um livro que faz parte do patrimônio de nosso tempo, válido neste sentido não apenas como simples documento de arquivo, mas sobretudo porque se incorpora dinamicamente às preocupações de nossa cultura e se afeiçoa aos estímulos e tendências de nosso comportamento artístico.”<sup>33</sup>

Vale recordar a profecia de Machado de Assis: “Poema lhe chamamos a este, sem curar de saber se é antes uma lenda, se um romance:

31 ALENCAR, J. de. *Iracema*. p. 59

32 *Ibidem*. p. 61

33 MONTENGRO, Braga. *Iracema: um século*. In: ALENCAR, J. de. *Iracema*. p. 30-31

o futuro chamar-lhe-á obra-prima”.<sup>34</sup> Com efeito. E que cada cearense e brasileiro, numa reconstrução nacional, abraçe e oscule a doce Terra, para nela saborear a doçura de que se impregnavam os lábios de Iracema.

Rematando essas palavras com que pretendi passar para o leitor, de modo singelo, minha compreensão pessoal do romance **Iracema** e de aspectos da escritura alencariana, desejo apresentar uns versos em forma de soneto com que me associo poeticamente às homenagens que vários poetas como Manuel Bandeira, Júlio Maciel, Filgueiras Lima e Virgílio Maia prestaram à poeticidade lendária e romanesca que tanto exprime a cearensidade dos filhos da “Terra da Luz”:

*Iracema*

*Da terra imagem, vinda da amargura  
e atrelada à volúpia de uma raça,  
disponível está para a ternura  
do estrangeiro fervor, que tonto a abraça.*

*Mas a dor, já no instante da procura,  
sela a união com o signo de quem caça:  
cumpre a flecha o ritual de uma aventura  
e um sangue, após, com o outro se congiraça.*

*Íntimas do segredo da jurema,  
árvores sofrem a dor do amor fecundo,  
a qual o mar lamenta ainda na praia.*

*E ao desaparecer na curva extrema  
certa jangada à busca de outro mundo,  
cala-se dentro em nós uma jandaia.<sup>35</sup>*

34 ASSIS, Machado de. *Obra completa*. v. 3, p. 852

35 LINHARES FILHO. *Cantos de fuga e ancoragem*. p. 63

## BIBLIOGRAFIA

**ALENCAR**, José de. *Iracema: lenda do Ceará*. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1965.

\_\_\_\_\_. *O sertanejo*. Fortaleza: Diário do Nordeste, 1998.

\_\_\_\_\_. *O guarani*. São Paulo: Melhoramentos, 1954.

**ASSIS**, Machado de. *Obra completa*. 3v. Rio de Janeiro: Aguilar, 1962.

**AZAMBUJA**, Darcy. *Teoria geral do Estado*. Rio de Janeiro, Porto Alegre, São Paulo: Globo, 1959.

**BILAC**, Olavo. *Poesias*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

**COUTINHO**, Afrânio. *Introdução à literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Distribuidora de Livros Escolares, 1975.

**GUSMÃO**, Paulo Dourado de. *Introdução à ciência do direito*. Rio de Janeiro: Forense, 1959.

**LINHARES FILHO**. *Cantos de fuga e ancoragem*. Fortaleza: Imprece, 2007.

**MONTENEGRO**, Braga. Iracema: um século. In: ALENCAR, José de. *Iracema: lenda do Ceará*. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1965.